



ISSN 2359-6597

22 a 24 de Setembro de 2014

XIII Semana Acadêmica
do Curso de **Filosofia**
da FAPAS - 2º Semestre 2014

FORMAÇÃO E CONDIÇÃO HUMANA

NATUREZA HUMANA: REALISMO MAQUIAVELINO ACERCA DO AGIR HUMANO

Jorge dos Santos de Araujo*

Resumo: Podemos dizer que o pensamento de Maquiavel se desenvolve num ambiente social conturbado, a Itália estava toda dividida em pequenos principados e pequenas cidades que surgiam e desapareciam com facilidade. O cenário era desolador, por tudo girava em torno de “quatro eixos fixos, Roma, Veneza, Milão e Florença” (CHEVALLIER, 1999, p. 19). Aos poucos, tudo isso foi influenciando em seu pensamento, tanto que ele se deu conta de que o homem era “mau, carregado de ambições e de desejos que busca, a todo custo, satisfazer” (BARROS, 2010, p. 40) e, por serem invejosos, estão “sempre mais prontos a censurar do que a louvar as ações alheias” (MAQUIAVEL, 2007, p. 5). A sensação, olhando para o homem e sua natureza, é de insegurança, pois se deve estar sempre atento à sua ambição. Esta visão maquiavelina, nada mais é que uma leitura da realidade na qual o secretário florentino se desenvolveu. Aliás, Maquiavel é um leitor da realidade, é um realista político que tem seu pensamento calcado em suas próprias experiências empíricas. A política, em Maquiavel, não pode estar separada da natureza humana, pois a questão sobre a natureza humana está atrelada ao poder, uma vez que o ser humano busca em demasia satisfazer-se a si mesmo. Todos almejam o poder, o desejam, porém, nem todos tem coragem suficiente para conquistá-lo. Quando encontram alguém mais forte, os covardes ficam intimidados e se acomodam, por isso que todos desejam, mas nem todos conseguirão exercer algum poder. Talvez uma das principais consequências dessa natureza humana egoísta seja a anarquia. A prova disso são as brigas de interesses e conflitos por territórios, poder que assolavam a Itália e dividiam-na. Para isso, Maquiavel propõe caminhar em direção à república, utilizando-se como meio, o principado, pois somente através de uma ordem imposta é que se conseguirá amenizar os efeitos do desejo humano pelo poder.

Palavras-chave: Natureza humana. Ordem. Poder.

Considerações iniciais

Um autor nunca está dissociado de seu contexto histórico, com Maquiavel não poderia ser diferente. Nosso autor está inserido em um contexto em que estava aflorando o Renascimento. A sua amada Itália estava todo dividida em pequenas repúblicas e pequenos

* Acadêmico do oitavo semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria - RS. E-mail: george.sulina@hotmail.com

principados. O que fora uma só, estava dividida em várias partes. Tudo isso atraía e convidava invasores, pois não se tinha como manter uma defesa territorial, sem ter que pedir ajuda a alguém mais forte.

Para Maquiavel a fonte da busca por poder pode ser posta na ambição humana, é resultado da natureza humana que deseja ardentemente obter glórias e honras, conquistar poder e riquezas. Tudo isso leva os homens mais corajosos a entrarem em conflito com os outros, numa tentativa de saciar a sede de poder.

Maquiavel vê, como uma saída para a resolução destas divisões que estavam enfraquecendo a Itália e afligindo o povo, a necessidade da instauração de um governo forte, que fosse capaz de unificar a Itália com mãos de ferro, pois sozinhos os homens não conseguiriam fazê-lo. Por isso, Maquiavel encontra no principado a forma de governo ideal para a circunstância. O príncipe deveria fazer o necessário para manter o poder, mas tendo em vista que este é somente um governo temporário, pois é o caminho para se chegar a uma república, que na verdade, é a melhor forma de governo para Maquiavel, pois nela o povo poderá participar mais ativamente.

1 Influências do contexto histórico no pensamento maquiavelino

Bem sabemos que para que possamos entender determinado autor, primeiramente precisamos entender o contexto, a Renascença¹, em que ele viveu e tudo o que poderia ter tido influência ao seu pensamento, seu contexto, o momento histórico em que seu pensamento se forma e está arraigado, sobre quais pilares se sustenta e é articulado. Assim acontece com Maquiavel, pois, sua vida social o fez olhar a política sobre o prisma da realidade, isto é, o autor interpreta e entende a política baseando-a na realidade, tal qual ela é de fato. Portanto, a sua obra: O Príncipe, aqui estudada, trata simplesmente das condições necessárias para conquistar e manter o poder, manter o principado. Se alguém quiser ser um político, governar com sucesso, manter o poder, a obra O Príncipe é um exemplar manual.

¹ Chevallier entende o Renascimento como ‘um movimento intelectual que se inicia no final do século XV, florescendo no primeiro quarto do século XVI, e que visa livrar-se das disciplinas intelectuais da Idade Média, para voltar à Antiguidade clássica, estudada diretamente nas fontes pelos humanistas, e não mais através da transmissão cristã’ (1999, p. 17). Além disso, este período foi marcado pela tentativa do homem de voltar-se a si mesmo, deixar de lado outras coisas, que até então eram fontes de estudos, para olhar para si próprio, numa tentativa de entender-se, conhecer-se. O homem inaugura ‘um cenário novo e sedutor, em que o homem encontra-se consigo mesmo em suas potencialidades criativas e se vê senhor de sua própria história’ (BARROS, 2010, p. 17).

Dado a importância do contexto histórico no pensamento maquiavelino, faremos uma breve exposição do mesmo para clarear e ajudar no entendimento do nosso autor. A Itália, na época de Maquiavel estava passando por grande confusão política, pois estava longe de ser uma república, estava toda dividida em pequenos principados nos, quais cada comandante fazia o que queria. Muitos comandavam tiranicamente, assolando o povo e a própria Itália. Além disso, graças às divisões, frequentemente aconteciam invasões e tomadas de territórios por estrangeiros que vinham ocupar as terras italianas. A respeito disso, encontramos inúmeros exemplos dados por Maquiavel em *O Príncipe*. O secretário florentino, tendo um pensamento político aprofundado, percebeu que se fazia necessário uma ação rápida, precisava-se de um príncipe que unificasse novamente a Itália, que governasse com mãos fortes, que organizasse o Estado em direção a uma república. Maquiavel percebera a necessidade de centralizar o poder, tarefa que somente um príncipe poderia fazer.

Em 1512, depois que os *Médicis* foram novamente instituídos no poder, Maquiavel, porém, após quatorze anos de prestação de serviços, fora destituído de todas as suas funções. Ele mudou-se para uma casa de campo aos arredores de Florença, em San Casciano. Este fato, considerado de extrema tristeza para Maquiavel, que dera vários anos de sua vida, procurando sempre desenvolver suas funções do melhor modo possível, foi crucial para que pudesse entrar em ação o escritor Maquiavel, estudioso e muito entendido dos assuntos políticos. Foi neste período que ele escreve suas obras, dentre as quais, as mais importantes para o nosso estudo que são: *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* e *O Príncipe*, a última dedicada Lourenço de Médici, que é sua mais afamada obra e é o nosso principal alvo de estudo. Esta obra *O Príncipe*, é na verdade uma ‘incitação ao novo príncipe, zeloso de conversar o que tiver adquirido por sorte, força ou habilidade’ (CHEVALLIER, 1999, p. 24). Em outras palavras, o príncipe deve fazer o possível para manter seu poder, seu principado a salvo dos invasores, zelando pelo seu próprio povo.

Chevallier entende que “tudo se resume em ter forças suficientes, tanto para conquistar, como para conservar” (1999, p. 26) o principado, estas devem ser as preocupações do príncipe. Uma vez conquistado o poder, o fundamental é saber como mantê-lo.

Para manter o principado, o poder, Maquiavel entende que a *virtù* é fundamental. Na verdade, deve haver uma relação entre *virtù* e fortuna², apesar delas serem contrárias, mas

²No capítulo XXV de *O Príncipe*, Maquiavel compara a fortuna a um rio caudaloso e cheio de corredeiras que, quando chove, sobe seu nível de água a inunda tudo o que está próximo, que avança rapidamente derrubando árvores e destruindo casas. Porém, se pode antecipar e fazer construir ‘diques e barragens’ para que, quando houver nova enxurrada, não haja novos estragos. Para Maquiavel, a preservação de um reino conquistado será mais fácil ou mais difícil de acordo com ‘o caráter mais ou menos virtuoso daquele que o conquistou. E dado a

sem o emprego de ambas, torna-se difícil ao príncipe ter algum êxito. É necessário acima de tudo, para manter o Estado, o príncipe conhecer antecipadamente ‘os males que nascem em seu interior’ (MAQUIAVEL, 1998, p. 13) para agir rapidamente antes que estes venham a acontecer, o que certamente teria um resultado desastroso ao Estado.

No capítulo III do livro *O Príncipe*, Maquiavel descreve que quando não fora possível, antecipadamente, perceber algum mal para tentar resolvê-lo, não se deve fugir deste, pois, como ele mesmo escreve: ‘uma guerra não evita-se mas protela-se’ (MAQUIAVEL, 1998, p. 13), deste modo, cedo ou tarde será necessário enfrentar estes males, por isso, quanto antes melhor. Como Maquiavel mesmo escreve o que

Todos os príncipes prudentes devem fazer: cuidar não somente das desordens presentes, mas precaver-se das futuras, e empregar todo o seu talento a remediá-las, o que mais facilmente se fará se de longe forem previstas. Ao contrário, se esperares que elas se consumam, a droga chegará tarde demais, porquanto o mal terá tornado-se incurável (1998, p. 12).

Para Maquiavel, o príncipe não precisa ser necessariamente bom, como exigia-se na modernidade. O secretário florentino constata que não se pode sempre ser bom, em todas as situações. Em primeiro lugar, ao príncipe está fadado o jugo de, mesmo se não sendo bom, deve aparentar sê-lo, pois as pessoas julgam muito pelas aparências. Além disso, haverá sempre alguma situação em que ao príncipe será necessária a utilização da força. A força para Maquiavel está atrelada com a guerra, da qual não se pode fugir. Quem agir bem sempre, facilmente poderá perder seu poder, seu principado. Se isso acontecer, os seus súditos poderão padecer nas mãos de outros governantes. Se isso viesse a acontecer, seria um mal, pois o povo estaria padecendo nas mãos de outros, em consequência da falta de *virtù* de seu senhor. Portanto, agir sempre bem não significa estar fazendo o bem. O bem não dá garantia de resultados benéficos.

Maquiavel teve, claramente está visão da necessidade de, quando for necessário, deve-se agir com o emprego da força, ou seja, utilizar-se de meios que a ética taxa como males. Tudo isso leva o pensamento de Maquiavel a tornar-se alvo constante de críticas que afirmam

passagem de homem (num sentido privado) a príncipe pressupõe que este possua méritos (*virtù*) ou muita sorte (*fortuna*)’ (MAQUIAVEL, 1998, p. 24-25). Neste contexto, a fortuna e a *virtù* são indispensáveis, pois a fortuna ajuda a adquirir, conquistar novos reinos, estando está relacionada com a riqueza, com o poder. A *virtù* por sua vez, pode ser compreendida como a arte, a habilidade necessária príncipe para manter este poder conquistado. Para Maquiavel a *virtù* está relacionada com as capacidades pessoais do príncipe. Estas capacidades são as de manter o principado, preservar o reino e saber como portar-se em batalha, além disso, esta é mais importante, pois sem ela não se pode manter um reino conquistado pela fortuna.

uma separação entre a ética e a política. Na verdade, o autor florentino não separa ética e política. Ele constata que os valores éticos não davam conta das exigências da política cotidianas, a política é maior, necessita de maior atenção, necessita ser independente e não subordinada dos valores éticos.

2 Formas de governo: principados

Na época de Maquiavel, a Itália passava por alguns conflitos, eram prejudiciais a todos. A Itália estava toda dividida em pequenos principados, governados tanto por compatriotas como por estrangeiros. Cada um destes que regiam o poder sobre um pequeno estado exercia nele a sua vontade, fazia o que pensava e acreditava ser o melhor.

Notamos que Maquiavel retrata a natureza humana, apresentando uma realidade considerada negativa, porém, embasada em suas próprias observações ao longo de sua vida política. Maquiavel percebe que o homem é egoísta e sempre busca seu próprio interesse, busca glórias e honras. Se há divisões dentro de um estado, certamente há muitos interesses pessoais particulares, os quais podem acarretar em um malefício ao povo. A teoria da unificação, defendida por Maquiavel visa acabar com essas divisões, consolidando a Itália em uma única república. Se isso vier a acontecer, será um ganho mútuo, tanto para o governante como para o povo. Por isso também, é importante que haja a manutenção do poder, durante o período transitório do principado, até que se chega à república.

No pensamento de Maquiavel podemos perceber três grandes sistemas políticos apresentados pelo autor, a saber: o anárquico, o principado (monarquia) e a república.

Por apresentar estes três modos de sistemas políticos, podemos dizer que Maquiavel não se posiciona em relação a um único regime político favorável. Para ele o principado é entendido e apresentado como a melhor forma de governo para conter a anarquia. Sendo assim, o principado é um governo transitório, temporário, mas necessário, pois este tem a função direta de intervir junto ao povo, contendo a anarquia e estabelecendo a ordem. Este modo de governo é, portanto, contrário à anarquia, ambos são opostos. Como o objetivo do principado é a ordem, ele deve primar pela manutenção do bem comum e do governo, do poder. Deve-se ter bem clarificado que este modo de governo é transitório, pois quando ele alcançar o seu objetivo que é a ordem, organização, automaticamente entrará numa república. Só se pode chegar a uma república através do principado, pois, sem ele não será possível

instaurar a paz. Porém, para manter a organização por mais tempo, é necessário à instauração da ordem, da república.

O principado é, portanto, fundamental para se chegar a uma república, porém, mesmo sendo algo tão necessário, deve-se ter muito cuidado, pois uma vez que esta forma de governo se corrompa quando for ativa, ou que já esteja corrompida, ela pode facilmente se transformar em uma tirania. Para que isso aconteça bastará que o príncipe se recuse a sair do poder, devido aos interesses pessoais e não comuns, quando alcançado o objetivo inicial que é a república.

Podemos dizer que essencialmente, todas as formas de governos apresentam alguma característica corrompida. É justamente tendo isso em mente que Maquiavel ora defende uma forma de governo, ora defende outra. O poder deve ser mutável. Por exemplo, como já descrevemos acima, o principado é bom, pois é algo necessário para se chegar à república, porém, ele pode ser perigoso, pois uma vez que o príncipe se recuse a sair do poder para instituição da república, este regime se tornará uma tirania, devido aos interesses próprios envolvidos no poder. Uma vez que se chega a uma república, abre-se também a possibilidade de se voltar a uma anarquia, pois na república, tudo é de todos, todos tem voz ativa, porém, quando todos mandam, chega um momento em que ninguém mais obedece, todos querem mandar. Ninguém assume nada quando qualquer um pode assumir algum compromisso, por isso, pode chegar a um determinado momento em que nada será de ninguém, fato este que fará com que o regime volte novamente à anarquia. Devido a essa possibilidade de constante mutação de regime político, todo o processo político é cíclico, está em constante movimento.

Para Maquiavel, é fundamental que o príncipe saiba utilizar-se da *virtù*, pois se ele chegar ao poder, tão somente pela força da fortuna, ou seja, da sorte, facilmente poderá perdê-lo, pois o que manterá seu poder sobre será apenas “a boa vontade e a condição (*fortuna*) de quem lhes concedeu o título; vale dizer, duas coisas volubilíssimas e instáveis” (MAQUIAVEL, 1998, p. 29). Neste exemplo, Maquiavel tenta expressar o caso em que o príncipe chega ao poder, não por si próprio, por suas qualidades e esperteza, mas pelo auxílio dos outros e pelos contributos da fortuna. Uma vez no poder, quem chegar a ele apenas pela força da fortuna, encontrará muitas dificuldades em comandar o povo, pois para isso será necessário possuir todos os atributos que a *virtù* exige que se tenha. Portanto, o poder deve apoiar-se da *virtù*. Porém, mesmo utilizando-se da *virtù* e pondo enraizando seu poder, ele ainda estará à mercê da má sorte, pois isso está fora do seu alcance.

Maquiavel inicia o primeiro capítulo de *O Príncipe* afirmando que há duas formas de governos que regem a vida do Estado, o principado e a república. Para Maquiavel, “um principado, ou é hereditário, quando é longeva ou soberana linhagem do seu Senhor, ou é nascente” (1990, p. 5). Dado a importância de manter um principado, Maquiavel atem-se mais em transcorrer sobre os principados nascentes, que são aqueles conquistados recentemente, ele dá atenção maior a estes, pois são mais difíceis de serem mantidos porque “acreditando em melhorias, os homens facilmente substituem o governante” (1998, p. 7). E quando o príncipe que perdeu seu principado uma vez, o recupera, será mais difícil perdê-lo novamente³.

Para o secretário florentino, os homens tendem a querer substituir o seu governante quando enfrentam alguma dificuldade, porém esta não é a melhor solução, ao contrário, pois o próximo poderá ser pior que o anterior. Além do mais, o fundamental é manter o Estado e organizá-lo, pois a cada mudança drástica, este processo reinicia e, conseqüentemente, quem mais sofre com isso é o próprio povo. Por isso, Maquiavel entende que o príncipe deve fazer o que estiver ao seu alcance para manter o poder, não porque será bom para si, mas porque é o melhor ao povo que não haja alternâncias constantes de governo.

3 Maquiavel e a realidade da natureza humana

Podemos dizer que Maquiavel se desenvolve num ambiente social conturbado. Aos poucos, tudo isso foi influenciando o seu pensamento a ponto de que ele acreditava que o homem era “mau, carregado de ambições e de desejos que busca, a todo custo, satisfazer” (BARROS, 2010, p. 40). A sensação, olhando para o homem é de insegurança, pois se deve estar sempre atento à ambição humana. Esta visão maquiavelina, nada mais é que uma leitura da realidade na qual o secretário florentino se desenvolveu, aliás, Maquiavel é um leitor da realidade, é um realista político que tem seu pensamento calcado em suas próprias experiências empíricas.

³ Maquiavel, para elucidar melhor esta questão, utiliza-se do exemplo do Rei Luís XII, da França, que após ter conquistado Milão, facilmente a perdeu porque as pessoas que o haviam ajudado a ingressar em suas terras estavam decepcionadas porque ela não atendera às expectativas, por isso, o povo se ajudou Ludovico Sforza a retomar o poder do Rei Luís. Porém, o Rei Luís conseguiu novamente conquistar Milão, mas a perdeu uma segunda vez devido a alguns erros que cometera, tais como: ‘solapara os (aliados) mais fracos; dera a um forte ainda mais força na Itália; nela introduzira um estrangeiro extremamente poderoso; dela não fizera sua morada e nela não assentara as colônias’ (MAQUIAVEL, 1998, p. 16).

Tendo em vista essa visão realista do homem, Maquiavel apresenta, na obra *O Príncipe*, algumas atitudes que pode ser tomadas para evitar que o povo se revolte contra o próprio príncipe, tentando destituí-lo do poder. Talvez o principal procedimento a ser tomado seria “desejar ser tido por piedoso e não por cruel” (MAQUIAVEL, 1998, p. 79). Devemos sempre lembrar que Maquiavel está lidando com uma natureza humana egoísta e sempre pronta a tirar proveito sobre as outras pessoas. Por isso, ao príncipe torna-se necessário muitas vezes o uso da força⁴.

O homem é essencialmente ambicioso, está sempre querendo tirar proveito do outro. Em primeiro lugar, pensa em si próprio, em seu próprio bem-estar, em seu benefício particular. Se pensa no bem comum, é para preservar seus próprios interesses particulares, ou seja, é porque está precisando que isso aconteça para que ele possa lucrar em cima disso. Com esse modo de interpretar o ser humano, Maquiavel pode ser facilmente confundido por pessimista, mas na verdade, Maquiavel é apenas um realista. Ele traduz, baseado em suas observações e experiências políticas, a realidade tal qual ela é. Esta realidade coloca o homem como sujeito egoísta, vaidoso e, acima de tudo, ambicioso, ou seja, sujeito que busca honrarias e glórias.

Mesmo sendo mau, o homem para Maquiavel pode fazer coisas boas, podendo edificar o que Barros chama de ‘sociedade virtuosa’. “Apesar de toda ambição, os homens são capazes de construir boas instituições” (BARROS, 2010, p. 43). Portanto, a república é o resultado do bom emprego das virtudes, na qual haverá zelo pelo que é comum a todos. Todos poderão participar efetivamente.

Podemos dizer que para Maquiavel, a questão sobre a natureza humana está atrelada ao poder, uma vez que o ser humano busca em demasia satisfazer-se a si mesmo, em prol de tirar proveito próprio, este mesmo sujeito sempre estará almejando o poder. Primeiro para sentir-se mais seguro e segundo para ganhar status perante os seus. A natureza humana caminha para isso. Haverá sempre em paralelo a escolha pela utilização da força para manter aquilo pelo qual se prima, para manter o poder.

Maquiavel deixa bem claro que ao príncipe é fundamental que este mantenha o poder, que ele faça o que for preciso, necessário para a manutenção do poder. A manutenção do

⁴ Maquiavel apresenta, no capítulo XVIII de *O Príncipe*, dois modos pelos quais o príncipe pode e deve combater, são: pela força e pelas leis. Para ele, as leis estão atreladas como criação humana e a força é característica dos animais. Maquiavel utiliza-se do exemplo do leão e da raposa. Para ele, à raposa atribui-se a inteligência para fugir das armadilhas que os homens fazem. O atributo do leão é a força, porém ao príncipe é necessário valer-se de ambos, pois, somente agindo como força, ele pode cair nas armadilhas dos seres humanos, mas somente através das leis, ele se torna um alvo fácil daqueles que utilizam a força. Por isso, deverá utilizar-se de ambas.

poder é, portanto, um bem necessário, mesmo que, quando for preciso deva-se utilizar a força como meio de contenção⁵.

Ao longo da história, algumas interpretações apontaram Maquiavel como defensor da tirania, da utilização de meios ilícitos para se chegar ao um determinado objetivo, que já fora pre estabelecido, a manutenção do poder. Acreditava-se que, se for para manter um determinado objetivo, poder-se-ia utilizar de todos os meios, pois tudo justificaria. A finalidade daria justificação aos meios utilizados. Porém, esta interpretação é um tanto quando equivocada, pois podemos perceber que Maquiavel receia e critica, opõem-se à tirania.

Podemos justificar utilizando o exemplo que Maquiavel apresenta, no capítulo VIII de *O Príncipe*, o exemplo de Agátocles Siciliano, o qual se tornara rei de Siracusa. Agátocles chegara ao poder utilizando-se da força, traindo seus amigos, assassinando seus próprios concidadãos, não assumindo compromisso com ninguém. Para Maquiavel, ele conseguiu seu objetivo, porém, suas atitudes perversas não podem pô-lo como exemplo a ser seguido. Agátocles mostrara extrema desumanidade e crueldade. Sendo assim, ele conquistara, não por meio da fortuna e *virtù*, mas puramente a partir da força. Para Maquiavel, a partir de meios ilícitos ‘pode-se conquistar o poder, mas não a glória’ (1998, p. 41).

4 Considerações finais

Maquiavel vê o ser humano de um modo bem realista. Para ele, o homem e o desejo de poder caminham juntos. Todos desejam honras, glórias, poder, por causa desse desejo humano surgem as maiores disputas.

Como vimos, a Itália na época de Maquiavel estava toda dividida, porém Maquiavel entende que o principado seria a melhor solução para a solução deste problema. O principado deve ser uma forma de governo temporária, pois este deve levar à república. Uma vez atingido o objetivo, o príncipe, saí de cena para que o povo tenha maior participação política, ativa e efetivamente. O poder não pode ser separado da natureza humana, ambos estão interligados.

Referências

⁵ Podemos entender a contenção em casos onde há invasões e ameaças ao principado, a sim como revoltas do povo, as quais ameacem o poder e manutenção do mesmo ao príncipe.

BARROS, Vinícius Soares de Campos. **10 lições sobre Maquiavel**. Petrópolis: Vozes, 2010. 5. ed.

CHEVALLIER, Jean Jacques. **As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos tempos**. Tradução de Lydia Cristina. Rio de Janeiro: AGIR, 1999. 8. ed.

MAQUIAVEL. **O Príncipe**. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 1998.

_____. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução de MF. São Paulo: Martins Fontes, 2007.